Mochilas, cadernos e mais objetos de crianças mortas em escola viram memorial no Irã, mostra Caco Barcellos

Category: GERAL,MUNDO
escrito por Maria Luiza | 15 de abril de 2026

“Aqui a gente vê parte do material escolar delas, as mochilas, flores de homenagem. Tá virando um memorial”, relata o jornalista na reportagem exibida pelo Fantástico.
O bombardeio à escola, na cidade de Minab, matou 170 crianças e provocou comoção dentro e fora do país. Imagens das vítimas passaram a ser exibidas em diferentes regiões do Irã nos dias seguintes ao ataque.

Um dia depois do ataque à escola de Minab, as imagens das crianças estavam nas ruas do país. — Foto: Reprodução/TV Globo/Fantástico

Segundo uma investigação do “New York Times”, o míssil que atingiu o local foi lançado pelos Estados Unidos com base em uma informação de inteligência desatualizada. Autoridades acreditavam que o prédio ainda funcionava como base militar, mas o espaço havia sido transformado em escola cerca de dez anos antes.

As imagens do resgate mostram equipes trabalhando entre os escombros enquanto familiares buscavam identificar os corpos. “As famílias tentavam fazer o reconhecimento no local para onde os mortos eram levados”, relata.

Nos dias seguintes, objetos pessoais das vítimas passaram a ocupar espaços públicos como forma de homenagem. Mochilas, flores e materiais escolares foram organizados em memoriais que atraem moradores e visitantes.

A exposição desses itens transformou parques e áreas abertas em locais de luto coletivo. Para além dos números da guerra, os objetos ajudam a dimensionar o impacto do conflito sobre a população civil — especialmente crianças.

Segundo o governo iraniano, mais de 3 mil pessoas morreram desde o início dos bombardeios.

Exclusivo: Caco Barcellos e Thiago Jock conseguem autorização para entrar no Irã

Fantástico no Irã

A equipe do Fantástico entrou no Irã em meio à guerra e acompanhou de perto os efeitos dos bombardeios. Em uma comitiva oficial que visitava áreas atingidas, apenas três equipes estrangeiras foram autorizadas a circular pelo país: a TV Globo, uma russa e uma britânica.

Desde o início do conflito, o acesso da imprensa internacional é restrito. A equipe cruzou cerca de 300 quilômetros pela Turquia, entre montanhas cobertas de neve, até chegar à fronteira com o Irã. No posto de controle, ainda em território turco, as gravações foram interrompidas pelas autoridades.

Após duas horas de checagem de documentos e vistos de imprensa, a entrada foi liberada.

Já dentro do Irã, a orientação era clara: não sair do carro e não fazer imagens durante o trajeto até Teerã. As estradas são monitoradas e equipamentos de filmagem podem ser confundidos com armamento.

Funerais e mobilização nas ruas

Na capital iraniana, a equipe acompanhou o funeral de um general da Marinha iraniana morto em um ataque no Estreito de Ormuz.

Ele participava de uma reunião com outros executivos militares, quando dois mísseis atacaram o navio e o local onde ele estava reunido. O corpo foi levado por mais de 800 quilômetros até Teerã.

Entre gritos, bandeiras e homenagens, a cerimônia reuniu uma multidão. Em meio ao cortejo, um jovem pediu para ser

entrevistado e criticou duramente os Estados Unidos:

“Esse governo americano é o pior de todos os tempos. Nosso povo está apoiando o nosso governo e os nossos militares”, diz.

Durante os discursos, autoridades e participantes também direcionaram críticas a Israel e aos EUA. A presença de forças de segurança era constante – em alguns momentos, agentes pediram para não serem filmados e chegaram a conferir o material gravado pela equipe.

No meio da multidão, diferentes gerações dividiam espaço. Jovens universitárias, muitas com vestimentas mais coloridas, conviviam com mulheres que seguem tradições religiosas mais rígidas.

Segundo relatos ouvidos pela equipe, o avanço educacional tem ampliado o protagonismo feminino, especialmente em mudanças ligadas a costumes e comportamento social.

Versão oficial e disputa de narrativas

Durante a cobertura no Irã, a equipe encontrou presença constante de imagens dos aiatolás em espaços públicos e eventos, reforçando a centralidade da liderança religiosa no país. Desde a Revolução de 1979, o Irã é uma República Islâmica em que o poder é fortemente concentrado nesse grupo, acima da Guarda Revolucionária e de instituições civis.

O regime é marcado por controle social rígido, com denúncias recorrentes de repressão a protestos, censura à imprensa, prisões de ativistas e restrições a comportamentos sociais, especialmente os de mulheres. Além das tensões internas e críticas ao programa nuclear, o país também é apontado por apoiar grupos como o Hezbollah e o Hamas.

Durante a estada da equipe, o acesso e a circulação foram

limitados por barreiras de segurança e checkpoints da Guarda Revolucionária, dificultando inclusive a gravação de imagens. Tentativas de contato com opositores não tiveram sucesso.

No início do ano, protestos contra a crise econômica foram fortemente reprimidos; autoridades iranianas afirmam que os atos se tornaram violentos por ação de infiltrados armados, que teriam atacado forças de segurança e causado mais de 200 mortes entre policiais, além de vítimas civis.

Já organizações independentes contestam os números oficiais e indicam que o total de mortos pode ter sido maior.

O governo iraniano nega a alegação americana e sustenta que o programa nuclear tem fins energéticos. O porta-voz do ministro das Relações Exteriores Ábbas Araghchi também rebateu críticas sobre direitos humanos:

“Somos alvo de uma campanha de demonização há décadas. Não somos perfeitos, mas nenhum país é perfeito quando se trata de direitos humanos”, diz.
Fonte: g1 e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso 15/04/2026/07:54:28

> *O formato de distribuição de notícias do Jornal Folha do Progresso pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a receber as notícias do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:*

- **Clique aqui e nos siga no X**
- **Clica aqui e siga nosso Instagram**
- **Clique aqui e siga nossa página no Facebook**

- **Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp**
- **Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso**

Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail:folhadoprogresso.jornal@gmail.com.

Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp (93) 98404 6835– (93) 98117 7649.

"Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte."

Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp:-93- 984046835 (Claro) -Site: www.folhadoprogresso.com.br e-mail:folhadoprogresso.jornal@gmail.com/ou e-mail: adeciopiran.blog@gmail.com

5 erros que iniciantes cometem ao comprar criptomoedas